

**A MONOTONGAÇÃO NOS DITONGOS DECRESCENTES
COM O APAGAMENTO DAS SEMIVOGAIS**

Márcio Amieiro Nunes (UEMS)

marcioamieiro@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

O falar cotidiano está sempre marcado por variações que andam à margem do uso normativo culto da fala. Essas variações fônicas marcam a oralidade, face a isto, recorreremos a fonética descritiva e, principalmente, a histórica para pesquisar como ocorre o fenômeno da monotongação. Buscamos também recorrências em metaplasmos com características similares a fim de entender, diacronicamente, esse processo de transformação já ocorrido em algumas palavras de origem latina, à princípio, na oralidade e, conseqüentemente, à forma escrita. Conforme explicam Joaquim José Nunes (1945) e Ismael de Lima Coutinho (1976), essa tendência de redução vocálica é um processo que já ocorria desde o latim falado pelo povo. A perda da semivogal ocorre em alguns casos específicos para facilitar a pronúncia, sendo assim, analisamos as reduções fonéticas da semivogal átona nos ditongos decrescentes, porquanto, elas podem ser percebidas, na fala, em todas as classes sociais.

Palavras-chave: Monotongação. Metaplasmos.

Fonética. Fonologia. Variação linguística.

1. Introdução

As mudanças sonoras que sofreu a língua e as suas transformações do latim para o português, também são estudadas pela fonética e pela fonologia. “Essas transformações fonéticas, que se caracterizam pela *inconsciência*, isto é, são independentes da vontade de quem fala [...]” (SILVA, 2010, p. 53). As mudanças e suas variações não são programadas pelo falante, mas elas ocorrem de forma gradual e são percebidas ao longo do tempo, entretanto, o uso popular dessas variantes pode até mesmo ser imperceptível em determinados ambientes, ou grupos sociais onde o falante estiver inserido. Isso não quer dizer que o uso dessas formas alternativas não ocorra na oralidade. Todavia, José Pereira Silva destaca duas transformações ocorridas foneticamente, que são as “alterações *espontâneas* e alterações *condicionadas*”. (GRAMMONT *apud* SILVA, 2010, p. 54)

Em uma definição mais sucinta, pode-se dizer que "A fonética trabalha com os sons propriamente ditos, como eles são produzidos, per-

cebidos e que aspectos físicos estão envolvidos em sua produção. A fonologia opera com função com e organização desses sons em sistemas". (CHAGAS & SANTOS, 2012, p. 9)

Partindo desse pressuposto, abordaremos apenas alguns conceitos básicos para entendermos como funciona o processo de monotongação. A fonética "é a ciência que trata dos sons ou fonemas" (COUTINHO, 1976, p. 83), assim, ela irá auxiliar para entendermos nosso objeto de estudo. O foco dessa abordagem será sob a fonética histórica²²⁹, mas para entendermos sobre as vogais, semivogais e os ditongos recorreremos alguns conceitos buscados na fonética descritiva²³⁰, como os estudos fonéticos e fonológicos são muito amplos, será feito um recorte direcionado apenas na base teórica que irá auxiliar em nossa análise.

No sistema fonético as vogais são aqueles sons vocálicos ou fonemas que não encontram obstáculos ao passar pela boca e elas podem ser classificadas em vogais nasais ou vogais orais. De acordo com Ismael de Lima Coutinho (1976), as vogais nasais são aquelas em que o ar é emitido tanto pela boca quanto pelo nariz: *a* [ã]; *e* [ê]; *i* [ĩ]; *o* [õ]; *u* [ũ], as orais são aquelas produzidas pela emissão de ar apenas pela boca: *a* [a/ə]; *e* [e/ɛ]; *i* [i/i]; *o* [o/ɔ]; *u* [u/ʊ]²³¹.

Em relação da abertura da boca, explica Ismael de Lima Coutinho (1976), que as vogais diferenciam-se uma das outras, então, podemos dividi-las em três momentos de emissão: primeiro vem a vogal *a*, que, por ser mais aberta em relação as outras, utiliza-se de uma abertura maior da boca, enquanto que, no segundo momento as vogais *e* e *o* apresentam-se como medianas, pois utilizam-se de uma abertura média da boca, por último, estão as vogais *i* e *u* que são as mais fechadas pelo fato de utilizar uma abertura menor da boca no momento de sua emissão. Define-se então, a vogal *a* como fundamental, as vogais *e* e *o* como intermediárias e as vogais *i* e *u* como extremas.

²²⁹ A fonética histórica, segundo Ismael de Lima Coutinho (1976), é a que estuda as transformações dos fonemas ao longo do tempo e do espaço e também pode ser conhecida como diacrônica ou di-nâmica.

²³⁰ A fonética descritiva estuda a formação e a descrição desses fonemas por isso ela também é conhecida como estática e sincrônica conforme a definição de Ismael de Lima Coutinho (1976).

²³¹ Aos símbolos fonéticos e as representações articulatórias citadas, foram baseadas nas informações do site da UFMG sobre fonologia e estão disponíveis em: <<http://www.fonologia.org>>. Acesso 03-09-2016.

As semivogais são mais entendidas no ponto de vista fonológico do que fonético, e sob esse aspecto também são conhecidas como semi-consoantes ou *glides*²³². De modo geral, as vogais ou os fonemas *i* e *u* acompanhados (antes ou depois) de uma vogal são classificados como semivogal por possuírem um som mais fraco, formando uma única sílaba com a união dessa vogal com a semivogal, esse encontro vocálico é chamado de ditongo e para completar essa relação entre eles, Ismael de Lima Coutinho afirma que o ditongo “é a combinação de duas vogais na mesma sílaba, das quais a mais fechada é uma semivogal: *ai* (*pai*), *au* (*pau*), *ei* (*rei*), *ui* (*riu*), *ou* (*louro*), *ui* (*fui*), *ão* (*pão*), *õe* (*sermões*)” (1976, p. 92).

“No caso dos ditongos, a posição da vogal não acentuada leva os estudiosos a analisá-las como aproximantes, e por isso tem-se *seu* [sew] e *muito* [‘mũj.to]” (CHAGAS & SANTOS, 2012, p. 26). Entretanto, de acordo com Ismael de Lima Coutinho (1976), somente há uma vogal em um ditongo, e podem ser classificados como crescente e decrescentes, quando a vogal tônica vem antes da semivogal o ditongo é decrescente: *ai*; *caixa* – [k’aj.jə], porém, quando a ordem se inverte de semivogal para vogal tônica, o ditongo é crescente: *ia*; *piada* – [pj’a.də]. Face a isto, resume-se que, as “vogais fechadas /i/, /u/ combinam-se com as outras /a/, /e/, /o/, formando ditongos [...]. São, entretanto, assilábicas, isto é, não podem ser bases de sílaba” (COUTINHO, 1976, p. 99). Como descrito por Ismael de Lima Coutinho (1976), nosso sistema fonológico possui: sete vogais silábicas /a/, /é/, /ê/, /í/, /ó/, /ô/, /u/; duas assilábicas /i/, /u/; cinco nasais /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/.

2. Transformações ocorridas no latim vulgar

Na definição de Ismael de Lima Coutinho: “metaplasmos são modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução” (1976, p. 142). Cada uma dessas mudanças e transformações correntes possuem uma definição diferente, pois as mudanças fonéticas ocorrem de formas variadas. Este processo busca explicar as alterações herdadas pelo português desde o latim, para entender diacronicamente os processos de cada mudança sofrida com o decorrer do tempo e espaço, seja por redução, su-

²³² As *glides* são representadas pelos símbolos fonéticos [j] simbolizando o dígrafo *lh* com som de *i* (ex. *milho* - mi[j]o), e [w] simbolizando a consoante *l* som de *u*, (ex. *falta* - fa[w]ta) estes símbolos representam as consoantes aproximantes por terem pouca obstrução na saída de ar no momento da fala e, em alguns casos assemelham-se a uma vogal.

pressão, acréscimo de fonemas, mudanças de sons vocálicos e consonantais ou deslocação de acento tônico, entretanto, para nossa análise, será feito um recorte focando apenas os mais importantes para o nosso *corpus* da pesquisa.

As causas existentes na ditongação, contribuíram para o aparecimento de vários ditongos existentes hoje no português, mas as alterações sofridas nos ditongos em latim eram frequentes, de acordo com Ismael de Lima Coutinho, essa “tendência para se reduzirem a simples vogais ascende ao próprio latim vulgar” (1976, p. 108), por exemplo, *ae* para *i*, *ê* ou *é aequale*, igual; *graeco*, grego; *caelu*, céu; *caeco*, cego, etc., como podemos observar, esse processo histórico de transformação não é nenhuma novidade na língua e, essas mudanças (na sua maioria) surgiram e ainda surgem da fala popular, marcas de oralidade ou influências de outras línguas.

Para Ismael de Lima Coutinho, “Os ditongos são latinos ou românicos, conforme remontam ao latim ou só aparecem na época da formação do romance” (1976, p. 108), mas também, na opinião de Joaquim José Nunes (1945), muitas palavras sofreram influência de outras línguas europeias na pronúncia, assimilando ao idioma do falante e, posteriormente, influenciando na escrita. Podemos perceber que em algumas palavras derivadas do latim o ditongo *au* geralmente sofrem alterações mudando para *ou*: “*auru* > *ouro*, *tauru* > *touro*, *mauru* > *mouro*, *causa* > *cousa*, *rauco* > *rouco*, *cautu* > *couto*, *paucu* > *pouco*, *lauru* > *louro*, *thesauru* > *tesouro*, *audio* > *ouço* [...], *pausare* > *pousar*” (NUNES, 1945, p. 74), observemos também, no início da palavra: *ausare* > *ousar*, *autumnu* > *outono*, *audire* > *ouvir*, conforme grafados no *Compêndio da Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (1945).

A redução corrente de *ou* para *o*, afirma Ismael de Lima Coutinho que, desde “o Império, por influência dialetal, tendia esse ditongo a transformar-se em *o*, na língua da plebe” (1976, p. 109). Também afirma Joaquim José Nunes (1945), que o ditongo *au* era usado na língua padrão culta, entretanto, os ditongos sofriam alternância (de *ou* para *oi*)²³³ ou re-

²³³ Nas palavras *versoria* > *vassoira* > *vassoura*, que conforme *cousa* > *coisa*, sofrem mudanças no ditongo na escrita e na oralidade, mas de forma invertida, isto é, *vassoira* passa a ser *vassoura*, enquanto que *cousa* passa para *coisa* (cf. nota seguinte). Entretanto, observando (apenas na oralidade) o comportamento do hiato *oa* na palavra *boa*, foneticamente pode ser pronunciado em alguns casos como, *boua* [b'ow.ə] ao invés de [b'o.ə], é mais marcado principalmente quando usa-se *boas* (plural), nesse caso ocorre uma epêntese, acrescentando um ditongo, mas nesse caso é onde não existe, o mesmo ocorre com a palavra *doze* que na pronúncia vira [d'ow.zə], esse é o processo

dução de fonema (*ai* sem a pronúncia do *i*) na oralidade: “*ouro, touro, cousa, couro, tesouro, agouro* etc., ou *oiro, toiro, coisa, coiro, tesoirá, agoiro* etc.” (NUNES, 1945, p. 74)

De acordo com Joaquim José Nunes (1945, p. 77), os ditongos *ai*, *ei*, *ou*, *ui*, etc., “devido ao maior esforço com que um dos seus elementos é proferido, ele tem tendência a reduzir-se a simples vogais, ainda mesmo quando tônicos [...]”. Operou-se essas reduções nos seguintes: *eigeija* > *igreja* (arc.) > *igreja*, *peixote* > *pixote*, *cereija* > *cereja*, *cerveja* > *cerveja*. Essa redução, segundo Joaquim José Nunes, ocorria continuamente nas falas populares, ou seja, até aquele momento eram marcas coloquial da oralidade. Mais adiante, ele cita outras palavras, algumas mudaram gramaticalmente e outras perduram até hoje na fala popular, conforme observado em Joaquim José Nunes (1945): *baixo* (pop.); *graixa*, *graxa*; *faixa*, *faxa*; *caixa*, *caxa* (pop.); [...], *coixa*, *coxa*; *coixo*, *coxo*; *roixo*, *roxo*; *froixo*, *froxo*; *doice* (arc.), *doce*; *abuitre* (arc.), *abutre*; *chuiva* (arc. e pop.), *chuva*; *escuitar* (pop.), *escutar*; *fruito* (arc. e pop.), *fruto*; *luito* (arc. e pop.), *luto*; *luita*, *luitar* (arc. e pop.), *luta*, *lutar*; *enxuito*, *enxuto*; *ventuira*, *ventura*; *paixão*, *paxão* (pop. e arc.); *compaixão*, *compaxão* (*idem*); *puisar* (arc.), *puxar*. Segundo Joaquim José Nunes, nos “vocábulo em que a seguir ao *i* se encontra *x* a queda daquela vogal parece dever-se atribuir à sua absorção por esta consoante” (1945, p. 79). Pode-se notar também algumas ocorrências que sofreram mudanças nos ditongos *au* e *ou*, por exemplo: *paulito*, *palito*, *apousento*, *aposeno*, *apousentar*, *aposenar*, *apouquentar*, *apoquentar*, *prouximo* ou *proximo*²³⁴, *próximo*, conforme grafados no *Compêndio da Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (1945, p. 80-81)²³⁵.

acontece também e *nó/i/s*, *de/i/z*, *talve/i/z*, *trê/i/s*, *arro/i/z*, etc. Relaciona-se com a lei do menor esforço.

²³⁴ A “distinção, imposta pela diversa proveniência dos dois ditongos, dizendo *ou*, se representava o latino *au*, mas *oi*, se tal não era a sua origem, isto é, quando românico; parece que a pronúncia *oi* era do século XVI peculiar aos judeus [...]” (NUNES, 1945, p. 74-75). A suposição dessa alternância também é citada por Ismael de Lima Coutinho: “Acha-se documentado o ditongo *ou*, desde o meado do século X. No português moderno, *ou* alterna com *oi*, o que era estranho à língua antiga. Há quem tente explicar essa segunda forma por influência judaica” (1976, p. 109), logo em seguida Ismael de Lima Coutinho cita Joaquim José Nunes.

²³⁵ De acordo com Joaquim José Nunes, “o ditongo *ou* reduz-se a *ô* na língua popular das mesmas regiões em que *ei* se pronuncia *ê* [...], todavia, não é raro também na escrita, o fenômeno oposto, isto é, a representação por *ou* de um simples *o*, como em: [...], *ouceano*, *oucioso*, *oufano*, *ouliveira*, *oupinhão*, *ourigina*” (1945, p. 80), fenômeno este, que não deixa de seguir uma lógica da linguagem,

Em outro ditongo que atualmente ocorre a presença da monotongação, originou-se pela “*metátase* ou transposição de fonema: *primariu* > *primairo* > *primeiro*, *librariu* > *livrairo* > *livreiro*, *ferrariu* > *ferrairo* > *ferreiro*, *denariu* > *dãairo* > *dinheiro*, *op(e)rariu* > *obrairo* > *obreiro*” (COUTINHO, 1976, p. 110). Entretanto, a semivogal *i* precedida da consoante *s* ou *ss*, formando *si* ou *ssi*, “palatiza-se passando às vezes a semivogal para sílaba anterior, cuja vogal forma ditongo, ou fundindo-se com a consoante num só som” (*Ibid.*, p. 128). Exemplo: “-*si*- > -*ij*-: *basiu* > *beijo*, *caseu* > *queijo*, *laesione* > *aleijão*, *eclesia* > *igreja* (arc.) (> *igreja*) [...] -*ssi*- > -*ix*-: *basseu* > *baixo*, *passione* > *paixão*, *russeu* > *roixo*” (*Ibid.*, p.128).

O processo de monotongação vai depender da tonicidade da vogal ou da consoante posterior. “A sorte das vogais átonas depende do lugar que ocupam na palavra e da sua posição relativamente ao acento tônico, sendo as iniciais e as finais as que mais resistência possuem; as médias atenuam-se por forma tal que desaparecem frequentemente” (NUNES, 1945, p. 54). Algumas dessas palavras já haviam passado por modificações e são resultados das mudanças desde sua origem etimológica, seja do latim, do grego ou de qualquer outro idioma. Esses metaplasmos continuam em processo de mudança, já que a língua é viva e está sempre em construção, isso quer dizer que nenhuma língua em uso está imune a mudanças. Cada palavra pode passar por diferentes processos de variações, entretanto as transformações ocorrem por meio de características diferentes, já que existem várias classes distintas de classificação dos metaplasmos. Abordaremos alguns casos específicos, de acordo com a palavra que for analisada em nosso trabalho.

3. A monotongação nos ditongos orais decrescentes

A observação desses ditongos orais decrescentes *ai* [aj], *ei* [ej] e *ou* [ow], é bastante marcado pela ausência da semivogal, quando postônica, antes das consoantes *s*, *x*, *j*, *c* e *r*, na oralidade (*e.g.* *repouso* [xe.p'o.zu], *caixão* [ka.ʃ'əw], *feijão* [fe.ʒ'əw], *touca* [t'o.kə], *feira* [f'e.rə] etc.), com exceção de algumas palavras (*e.g.* *manteiga* [mə.t'ẽ.gə], *andaime* [ã.d'a.mi], etc.). Ou seja, a maioria das ocorrências é mais comum nas *glides* [j] e [w] (semivogais átonas *i* e *u*), principalmente,

por exemplo, se na oralidade usa-se *toca* [t'o.kə] e escreve-se *touca*, logo, da forma usual *oceano* [o.si.'ə.no] subentende-se que também se escreva *ouceano*.

quando estão posicionadas antes da fricativa alveopalatal vozeada [ʒ] (consoante *j*), da fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ] (consoante *x*), da tepe alveolar vozeada [r] (consoante *r*). Outro caso possível de monotongação, são os verbos da primeira conjugação AR, quando estão na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito no modo indicativo: cantou [kãt'o], conversou [ko.veh.s'õ], estou [əʃt'o], voou [vʊ'o] etc. Por exemplo, os verbos: cantar, conversar, estar e voar, já são metaplasmos por subtração²³⁶, pois vieram do latim *cantare*, *conversare*, *stare* e *volare*, porém os dois primeiros passam somente por uma apócope²³⁷ perdendo o seu fonema final /e/, (mudança que ocorre nos quatro verbos citados) tanto na escrita, quanto na oralidade, enquanto que o terceiro (*stare*), além da apócope, acontece também um metaplasmo por aumento, pelo fato de haver adicionado o fonema /e/, por ser no início, é caracterizado como prótese, já o último também acontece dois fenômenos, a apócope e uma síncope por ter perdido um fonema dentro do vocábulo /l/, mas nos três casos podemos perceber que atualmente na oralidade ao serem conjugados, naquela determinada pessoa, tempo e modo, monotongam perdendo sua semivogal ou *glide* [w] e, como perde seu fonema final /u/, também pode ser considerado uma apócope. Ademais, a peculiaridade mais curiosa é a oralidade do verbo *voar* na sua conjugação²³⁸ *voou*, que além de sofrer o apagamento da *glide* [w], ao ser pronunciado transforma-se em um ditongo crescente [wo], tornando a fala muito diferente da escrita: *voou* > [vʊ'o].

Essas transformações também acontecem com as outras palavras que possuem ditongos decrescentes, por exemplo: a palavra *primeiro*, é um metaplasmo por transposição²³⁹ e, este vocábulo, etimologicamente, vem do latim *primariu* > *primairu*, então ocorre uma hipértese²⁴⁰ por sofrer uma “transposição de um fonema de uma sílaba para a outra” (SILVA, 2010, p. 62) e, depois acontece a dissimilação resultando no vocábulo *primeiro*, mas essa mesma palavra na oralidade é pronunciada como

²³⁶ São aqueles metaplasmos “que tiram ou diminuem fonemas à palavra”. (COUTINHO, 1976, p. 147).

²³⁷ Processo quando um metaplasmo por subtração perde o último fonema, isto é, quando ocorre a queda no final da palavra, conforme descrito por Ismael de Lima Coutinho (1976)

²³⁸ Somente na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito no modo indicativo.

²³⁹ Metaplasmos “por transposição são os que consistem na deslocação de fonema ou de acento tônico na palavra”. (COUTINHO, 1976, p. 148)

²⁴⁰ Quando ocorre a mudança de fonema na mesma sílaba é denominado como metátase.

[pri.m'e.rɔ], devido à posição do ditongo no vocábulo antecedendo a tepe alveolar vozeada [r], que força o apagamento da semivogal [j], ocasionando assim a mudança oral de ditongo para monotongo. Isso ocorre com quase todos os ditongos orais [ej], antes de [r], [ʃ] e [ʒ], como: fevereiro, padeiro, caseiro, banheiro, pedreiro, dinheiro, poeira, beijo, queijo, ameixa, peixe etc.

No ditongo [ow], por exemplo: a palavra em latim *alteru* passa pelo processo de metaplasmo por permuta²⁴¹, vocalizando-se²⁴² de *alteru* para *autru*, e como a maioria dos ditongos *au* em latim mudou para *ou*, a palavra também altera seu fonema inicial, então, temos as variações históricas: *alteru* > *autru* > outro e, atualmente, a monotongação oral ['o.tɾɔ]. Este enfraquecimento da semivogal, também acontece devido ao posicionamento do ditongo [ow], sendo que nesse caso a probabilidade aumenta, pelo fato de ter um maior número de consoantes possíveis que, forçará o apagamento da vogal assilábica. E por possuir sua tonicidade muito fraca, dado o exemplo de ['o.tɾɔ], a oclusiva alveolar desvozeada [t] enfraquece ainda mais sua *glide* [w] no ditongo e, por ser muito fraca, sofre o apagamento na oralidade, além disso, o fonema /o/ no final enfraquece para som de [ɔ].

O mesmo fenômeno acontece com: *pouco* > [p'o.kɔ], ditongo oral [ow] + [k] oclusiva velar desvozeada; *agouro* > [a.g'o.rɔ] e *tesoura* > [tɐ.z'o.rɔ], ditongo oral [ow] + [r] tepe alveolar vozeada; *ouvir* > [o.v'i], ditongo oral [ow] + [v] fricativa labiodental vozeada; *frouxo* > [fr'o.ʃɔ], ditongo oral [ow] + [ʃ] fricativa alveopalatal desvozeada; outros exemplos são: *ouro* > ['o.rɔ], *couro* > [k'o.rɔ], *louco* > [l'o.kɔ], *louro* > [l'o.rɔ], *touro* > [t'o.rɔ], *cenoura* > [se.n'o.rɔ]. Existem palavras que sofrem a monotongação dupla, pois perdem dois fonemas ao mesmo tempo e sofrem o apagamento das duas *glides* [w] e [j], por exemplo: *toureiro* > [to.r'e.rɔ]; *açougueiro* > [a.so.g'e.rɔ]; essas palavras passam pelo mesmo fenômeno duplo, monotongando em [ow] e em [ej] numa mesma palavra, além da troca do /o/ pelo /u/ no final do vocábulo, neste caso também temos um caso bastante diferente da forma escrita para forma em uso real na oralidade.

²⁴¹ Esses metaplasmos "são os que consistem na substituição ou troca de um fonema por outro" conforme explica Ismael de Lima Coutinho (1976, p. 143)

²⁴² Vocalização é uma subdivisão dos metaplasmos por permuta, sendo aqueles que converte "uma consoante em um fonema vocálico [...] vocaliza-se em i ou u a primeira consoante dos grupos *ct, lt, pt, lc, lp, bs, gn* [...]" segundo Ismael de Lima Coutinho (Ibid., p. 143).

Outro ditongo oral decrescente que passa pelo processo de simplificação é o [aj], perdendo sua *glide* [j], quando intraverbais e precedido da fricativa alveopalantal desvozeada [ʃ], no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, a palavra *caixa* vem de origem grega “*kapsa* pelo lat. *capsa* e pelo prov. *caissa*”, entretanto, passa pelo processo de “vocalização do *p* (*caissa*) e palatalização do *ss*” (NASCENTES, 1955, p. 87) monotongando a glide [j] na oralidade, pronuncia-se [k'a.ʃə], o apagamento da semivogal também ocorre em: *paixão* > [pa.ʃ'əw]; *faixa* > [f'a.ʃə]; *debaixo* > [de.b'a.ʃõ]; *andaime* > [ã.d'a.mi]; *baixo* > [b'aj.ʃõ] que também acontece a troca do /o/ pelo /u/ no final do vocábulo na oralidade. “Quase sempre no fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* se enfraquecem e soam, respectivamente, /i/ e /u/”. (BECHARA, 1999, p. 48)

Em *Os Lusíadas*, de Luís de Camões²⁴³, pode-se observar o registro de algumas dessas palavras grafadas com o ditongo e monotongadas, ambas as variantes estão presentes na obra e alternam-se no decorrer do texto. Em uma versão comentada de 1916, o autor dos comentários aborda sobre esses vocábulos, e afirma que foram retiradas as variantes popular que haviam no texto original de Camões, entretanto, em seus comentários de rodapé, o autor descreve a palavra conforme escrita no original e, num registro filológico no final da obra, aparece algumas definições sobre essas variantes.

Em outra versão da obra (*Os Lusíadas*), Pimpão afirma em seus comentários que:

Infelizmente o tipógrafo nem sempre se lembrou de que a sua obrigação era copiar o que lia; se o tivesse feito, a edição *B* teria saído igual a *A* e nós poderíamos servir-nos dela com confiança. [...] Sendo *peixe* forma sistemática em Camões, o compositor de *B* traiu-se com a forma *peixe* em I.42 e IV.90. Para diante reabilitou-se: ou ele ou outro mais atilado! Camões escreveu sempre *aposentar* (3); mas em *B*, IV.60, figura *apostou*! (PIMPÃO, 2000, p. 21)²⁴⁴

Na obra de Camões, encontra-se ainda: *abaxar*, *abaixo*, *abaxo*; *debaxo*, *debaixo*; *embaxada*; *cereija*, etc., o texto é escrito variando entre as duas formas, entre popular e a considerada pelos gramáticos como

²⁴³ Um Tomo na sua segunda edição de 1916 melhorada e comentada por Augusto Epiphânio da Silva Dias.

²⁴⁴ Álvaro Júlio da Costa Pimpão é o comentarista de uma edição de *Os Lusíadas*. ver. referências bibliográficas.

“forma culta”. Destas variantes, também encontra-se as formas *cereija*²⁴⁵ e *apousentar*, que entre outras, também estão citadas no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, juntamente com os vocábulos *igreja*, *prouximo*, conforme vimos anteriormente, todavia, estas palavras monotongaram oficialmente na escrita, perdendo a semivogal [j] ou [w], passando a ser grafada na forma que se falava e conforme nós as conhecemos atualmente: *cereja*, *apousentar*, *igreja*, *próximo*, etc. Contudo, ao destacarmos estas palavras, podemos compará-las com outras que na oralidade são bastante parecidas fonologicamente, como: *queijo*, *beijo*, *pousada*, *frouxo* etc., mas que, mesmo sendo monotongadas na oralidade ocasionando o apagamento total da *glide* [j] ou [w], ainda continuam sendo grafadas com o ditongo decrescente [ej] ou [ow]. Nesse caso, podemos perceber, na oralidade, uma das características que difere o nosso português brasileiro com o português de Portugal. Então, na pronúncia “do ditongo *ei* como [ej] em [...] *primeiro*; ou soa como [o] em *vou*, *ouro*. O Brasil não acompanhou Portugal em sua pronúncia [aj] de *primeiro*, [...] inovações ali ocorridas no século XIX”. (TESSYER *apud* CASTILHO, 1997, p. 245)

4. Considerações finais

A monotongação é marca de oralidade que como foi visto, já acontecia no latim falado pelo povo e também influenciou na formação da língua portuguesa que herdou essas variedades marcadas na oralidade. As mudanças na oralidade influenciaram o português que conhecemos hoje, em palavras como: *igreja*, *cereija*, *apousentar*, *prouximo* etc., para: *igreja*, *cereja*, *apousentar* e *próximo*. Não é impossível que em algum momento do futuro: *queijo*; *caixa*; *toureiro*; *dinheiro*; etc., passem para: *quejo*, *caxa*, *torero*, *dinhero*. Hoje se o leigo olhar com preconceito para essas variantes pode achar estranho, mas será que no momento que os falantes estavam acostumados a escrever “*cereija*” e surgiu a forma como conhecemos hoje ela não foi recebida com preconceito? Hoje a forma “*cereja*” já está incorporada ao falar.

Qualquer mudança que seja feita hoje para transformar um ditongo em um monotongo (mesmo que na oralidade, essas são as formas mais usadas), poderá ser rejeitada por essa geração, mas para as posteriores

²⁴⁵ Tanto na versão de Augusto Epiphânio da Silva Dias (1916, p. 181, IX, 58.5-6), quanto na versão de Álvaro Júlio da Costa Pimpão (2000, p. 401, IX, 58.5-6).

deverá ser assumida como normal e a forma atual de escrita passará a ser considerada diferente e arcaica, transformando-se em objeto de pesquisa como fazemos hoje. A fala é individual e atravessada pelo “eu” do discurso que transforma a língua, e a língua reflete essa mudança no social e no coletivo e que por sua vez, retorna essa mudança transformando o “eu” do discurso. É o que vimos na história, que transformou o latim clássico e literário no latim vulgar e diferencia o português de Portugal do português do Brasil. O que ajudou a formar a língua portuguesa foi a diversidade de culturas e de povos dominados e em contato, sendo impostos a falar àquele idioma em muitas situações. Não há como um povo adquirir outra cultura, sem que a sua cultura anterior afete a outra, essa diversidade transformou o latim e formou outras línguas e entre essas transformações, surgiu a nossa língua portuguesa do Brasil.

Por fim, enfatizamos que, este trabalho tem apoio da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT), por meio do edital n. 25/2015, Apoio ao Programa de Graduação Bacharelado em Letras da UEMS de Campo Grande.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37.ed. rev. ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Prefácio e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão. 4. ed. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros; Instituto Camões, 2000.

_____. *Os Lusíadas*. Commentados por Augusto Epiphânio da Silva Dias. 2. ed. Tomo I. Porto: Companhia Portuguesa, 1916.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. O português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997, p. 237-269.

CHAGAS de Souza, Paulo; SANTOS, Raquel Santana. “Fonética”. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística: II*. Princípios de análise. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012, vol. 2, p. 9-32.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos da gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológica da língua portuguesa*. Segunda tiragem da primeira edição. Rio de Janeiro, 1955.

NUNES, Joaquim José. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Clássica, 1945.

SILVA, José Pereira. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: O Autor, 2010.

ANEXO

Tabela 1- Relação de algumas palavras com monotongação RETIRADAS DE...

Escrita	Oralidade	Fonema
Abaixar	Abaxar Açoguer	[a.ba.ʃ'ar]
Açougueiro		[a.so.g'e.ɾu]
Agoureiro/Agouro	Agorêro/agôro	[a.go.r'e.ɾu]
Ameixa	Amexa	[a.m'e.ʃə]
Baixo	Baxo	[b'a.ʃu]
Banheiro	Banhero	[ba.n'e.ɾu]
Beijo	Bejo	[b'e.ʒu]
Cachoeira	Cachoêra	[ka.ʃw'e.ɾə]
Caixa	Caxa	[k'a.ʃə]
Caixão	Caxão	[ka.ʃ'əw]
Calouro	Caloro	[kal'oru]
Caseiro	Casero	[ka.z'e.ɾu]
Chuveiro	Chuver	[ʃu.v'e.ɾu]
Compaixão	Compaxão	[ko.pa.ʃ'əw]
Couro	Côro	[k'o.ɾu]
Debaixo	Debaxo	[de.b'a.ʃu]
Deixa/deixar	Dexa/dexar	[de.ʃ'a]
Dinheiro	Dinhero	[dʒi.n'e.ɾu]
Embaixada	Embaxada	[i.ba.ʃ'a.də]
Encaixar	Encaxar	[i.ka.ʃ'a]
Enfaixar	Enfaxar	[i.fa.ʃ'a]
Estou (3ª pessoa/1ª conj.)	Estô	[iʃt'o]
Estouro Faixa	Estôro Faxa	[is.t'o.ɾu]
Feira	Fêra	[f'a.ʃə]
		[f'e.ɾə]
Frouxo	Froxo	[fɾ'o.ʃu]
Louco	Lôco	[l'o.ku]
Louro	Lôro	[l'o.ɾu]
Macaxeira	Macaxêra	[makaʃ'erə]
Ouro	Oro	[o.ɾu]
Outro	Outro	[o.tɾu]
Ouvir/ouço	Ovi/oço	[o.v'i]
Padeiro	Padero	[pa.d'e.ɾu]
Paixão	Paxão	[pa.ʃ'əw]

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Peixe	Pexe	[p'e,fi]
Pouco	Poco	[p'o.ku]
Pouso/pousar Queijo	Poso/posar	[p'o.zu]
	Quejo	[k'e.ʒu]
Roupa	Rôpa	[f'i'o.pə]
Tesoura/tesouro	Tesôra/ Tesôro	[te.z'o.ɾə] / [te.z'o.ɾu]
Toupeira	Topera	[top'ejɾə]
Toureiro	Torero	[to.ɾ'e.ɾu]
Touro	Toro	[t'o.ɾu]
Verdadeiro	Verdadero	[veɾ.da.d'e.ɾu]